

Zélia prepara negociação com o Fundo

A ministra está em Washington e se reunirá com o diretor-gerente do FMI na terça-feira

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Se a agenda de compromissos da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, servir de indicação, iniciar a negociação formal de um acordo de estabilização econômica com o Fundo Monetário Internacional (FMI) é a última coisa que o governo pretende fazer durante a viagem de quatro dias que a chefe da equipe econômica iniciou ontem à capital norte-americana.

A ministra, que participa amanhã da reunião semestral do Fundo, marcou seu encontro com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, para o fim da visita. Será seu último compromisso — às seis da tarde da terça-feira. Depois Zélia vai para Nova York, onde passa o feriado de 1º de Maio. Ao chegar ontem de manhã a Washington, a ministra demonstrou que não vai pedir a Camdessus a abertura de uma negociação. Quer, primeiro,

conversar sobre os termos da negociação.

Ouvir a intenção declarada de acertar um programa com o FMI é, no entanto, o que o governo dos Estados Unidos e dos demais países industrializados esperam de Zélia, conforme o subsecretário do Tesouro norte-americano, David Mulford.

Antes de viajar para Washington, a ministra e seus principais assessores já tinham avisado que as negociações serão longas e difíceis e podem demorar para começar. “Estamos num processo em que temos sentido dificuldade de estabelecer metas que sejam exequíveis com o FMI”, disse Zélia há três semanas, em Nagoya, Japão, quando deu a primeira explicação detalhada sobre a relutância do governo em embarcar logo numa negociação com Camdessus. Ela disse que o processo inflacionário brasileiro é peculiar, pois o governo fez uma política fiscal notável, uma política monetária correta e, no entanto, a inflação não caiu, apesar do receituário adotado.

INFLAÇÃO

Essa argumentação tem poucas chances de ser bem recebida por Camdessus ou pelo secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas

Brady, com quem a ministra tem conversa marcada para amanhã, na hora do almoço. Para o Fundo e o Tesouro, não há nada de errado com o receituário ortodoxo usado para combater a inflação, se é isso que Zélia quer dizer. O problema está na forma como o remédio é administrado.

Camdessus notou a um interlocutor recente a rapidez com que as autoridades brasileiras renunciaram à austeridade fiscal e monetária. No Tesouro, há a convicção de que o aperto fiscal do ano passado foi feito à base de medidas que só fazem efeito um vez, como o confisco da poupança, e de que houve vacilos na política monetária — e é isso, não as peculiaridades brasileiras, que explica a resistência da inflação.

Em Washington existem fortes dúvidas sobre a qualidade das contas do governo do ano passado. Esses números começaram a ser verificados por uma comissão técnica do FMI, que iniciou uma visita de rotina a Brasília na semana passada. Se Zélia não tem pressa em deslancar a conversa com o Fundo, tampouco Camdessus parece ter disposição para iniciar qualquer negociação com o Brasil antes de ler o relatório da comissão.



Zélia: antes de tentar um acordo com o FMI, a ministra quer discutir os termos da negociação com Michel Camdessus